

TerradaGente

CONHECER E CONSERVAR PARA COMPARTILHAR A VIDA

PESCA ESPORTIVA

O ENCANTO DO PESQUE-E-SOLTE NO PANTANAL SUL

FLORA

ROUBO E DESCASO VÃO ACABAR COM O SABOROSO PALMITO-JUÇARA?

FAUNA

SAIBA QUEM SÃO E COMO VIVEM OS SEIS PEQUENOS FELINOS BRASILEIROS

ÁGUA

Gastamos mais do que temos. Poluímos 10 vezes mais do que consumimos. Desperdiçamos a rodo. E esquecemos de compartilhar com todos os outros seres vivos



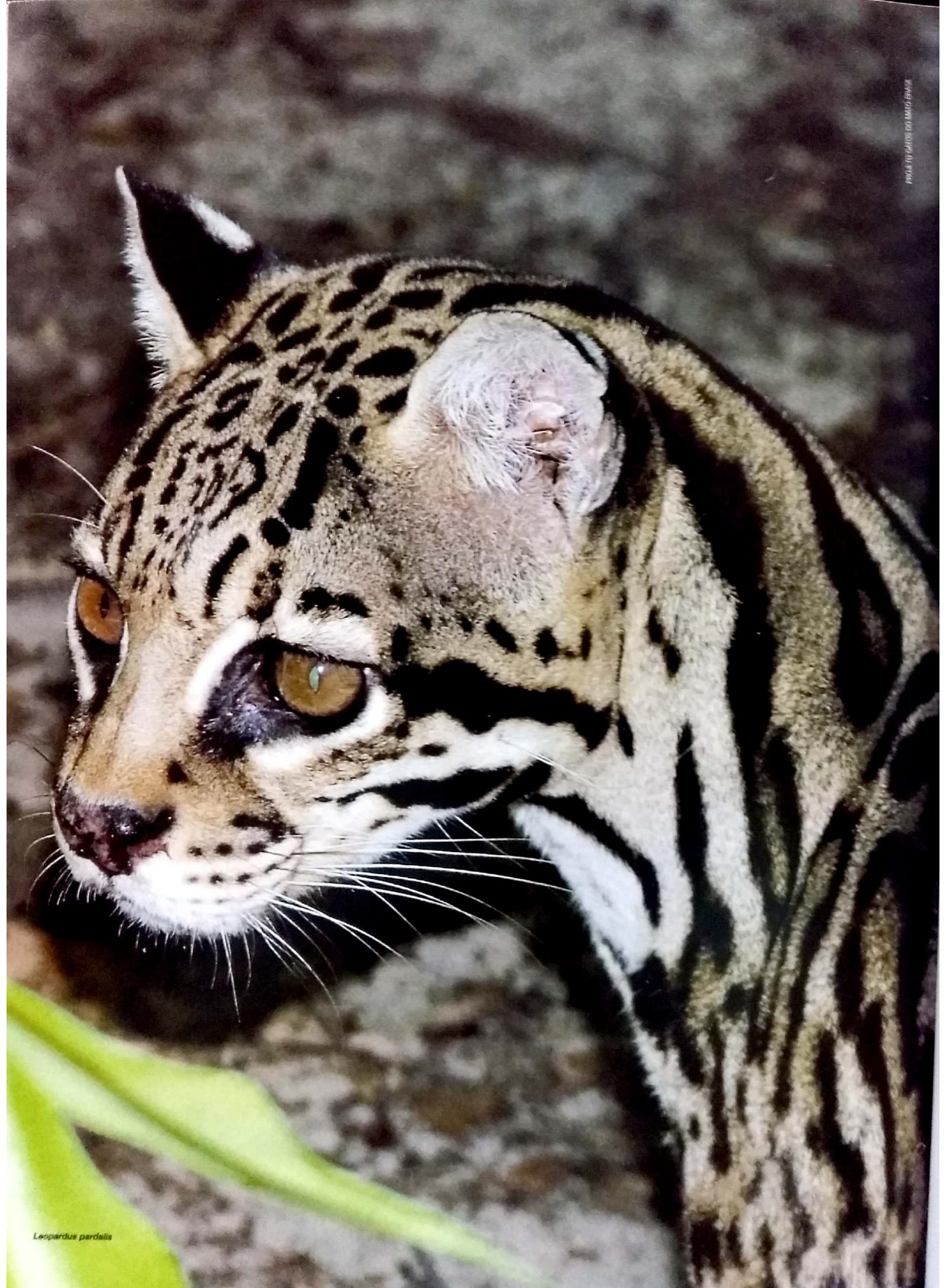


PHOTO BY GARCIA DO MATO, P&G

Leopardus pardalis

PEQUENOS *desconhecidos*

Preencher as lacunas de informação é a melhor aposta para melhorar o estado de conservação das seis espécies de pequenos felinos brasileiros, pouco conhecidos até entre biólogos

texto JAQUELINE B. RAMOS

Eles são felinos e pesam menos de 15 quilos. Alguns poderiam ser confundidos com gatos domésticos, exceto por três características: são extremamente arredios; têm a maior parte de sua área de ocorrência em território brasileiro, e, infelizmente, frequentam a lista de espécies ameaçadas de extinção. Do grupo de seis espécies, consideradas de médio e pequeno portes, a mais conhecida é a jaguatirica (*Leopardus pardalis*). As outras são pouquíssimo conhecidas, tanto por cientistas, como pelo público em geral. É uma pena, pois algumas de suas características as tornam muito es-

peciais. O gato-maracajá (*Leopardus wiedii*), por exemplo, é o único felino capaz de descer pelo tronco de uma árvore de cabeça para baixo.

Em julho de 2004, o Projeto Gatos do Mato – Brasil deu início a um estudo mais aprofundado dos seis pequenos felinos brasileiros, sob coordenação do Instituto Pró-Carnívoros, com financiamento do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Maranhão (Fapema), da Conservação Internacional (CI – Brasil) e da Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (Fatma). O Pró-Carnívoros é uma organiza-



GATO-PALHEIRO
(*Leopardus colocolo*)



Tem distribuição geográfica nas áreas temperadas da América do Sul e no Brasil. Ocorre em ambientes mais abertos, como o Cerrado e os campos sulinos. É uma espécie pouco conhecida e

aparenta ser naturalmente rara na maior parte dos habitats. Por isso a descoberta de uma população no Maranhão é importante. É outro gato silvestre que não é pintado, pesa cerca de 3,5 kg e se assemelha bastante ao gato doméstico, embora o pêlo seja mais longo; a cara, mais larga; e as orelhas, mais

pontiagudas. É considerada uma espécie vulnerável ao risco de extinção. O período de gestação dura de 80 a 85 dias e a prole é de 1 a 3 filhotes. É solitário e predominantemente noturno. Alimenta-se de pequenos mamíferos, lagartos e aves terrestres. A área de vida fica na faixa dos 15 km².

ção não-governamental sediada em Atibaia, no Estado de São Paulo, com foco na conservação dos mamíferos carnívoros e seus habitats através de pesquisa, manejo e educação, tendo outras 10 instituições parceiras.

“A importância do estudo dos felinos se justifica pelo seu papel ecológico. Eles são animais predadores do topo da cadeia alimentar e comem exclusivamente carne de vertebrados”, explica o biólogo da Universidade Estadual do Maranhão, Tadeu Gomes de Oliveira, coordenador geral do Projeto, membro do grupo de Especialistas em Felinos da União para a Conser-

Os pequenos felinos ajudam no equilíbrio dos ecossistemas

vação Mundial (IUCN) e co-diretor da Aliança para Conservação dos Felinos Sul-Americanos. “Seguramente, por isso, exercem pressão e controle sobre as populações de suas presas e interferem significativamente no equilíbrio ecológico e na dinâmica da composição da comunidade dos ecossistemas. Vale também ressaltar que a superpopu-

lação das espécies que são suas presas pode vir a ser prejudicial para o próprio homem, reiterando a importância da conservação desses felinos”.

O continente americano abriga 12 espécies de felinos silvestres. Destas, 10 ocorrem somente em áreas tropicais – leia-se América do Sul – e apenas duas não ocorrem no Brasil – o guinha (*Leopardus guigna*), do Chile e Argentina, e o gato-andino (*L. jacobitus*). Das oito espécies que habitam o território nacional, seis são de pequenos felinos. O Projeto Gatos do Mato – Brasil pretende mudar o cenário de falta de informação sobre estes felinos, em



GATO-MOURISCO (*Puma yaguaroundi*)

Uma das nossas duas espécies de pequenos felinos que não são pintadas. Sua pelagem pode ser marrom-escuro, acinzentada ou vermelho-amarelada. Pesa cerca de 5 kg e sua cabeça é pequena, alongada e achatada. As orelhas também são pequenas e bem arredondadas. As pernas

dianteiras são relativamente curtas e as traseiras maiores e mais volumosas. A cauda é longa. Tende a ter hábitos diurnos e habita florestas e outros biomas por todo o Brasil, com exceção das áreas abertas do pampa gaúcho. Entre os pequenos felinos é a espécie que tem o melhor status de conservação: não está ameaçada nacionalmente, apenas regionalmente. O período

de gestação dura de 72 a 75 dias e a fêmea dá à luz de 1 a 4 filhotes. A dieta consiste principalmente de pequenos roedores, répteis e aves e a área de vida conhecida é variável, de 1,4 km² a 100 km². Acaba de ter seu nome científico alterado, de *Herpailurus yaguaroundi* para *Puma yaguaroundi*, dadas suas semelhanças genéticas com a onça-parda (*Puma concolor*).



prol de sua conservação e manejo.

Segundo os especialistas, o maior risco de extinção – local ou nacional – dessas espécies é a destruição de seus habitats, devido à fragmentação ou à erradicação para uso humano da área. Historicamente também há registros de comércio de peles. Felizmente, esse tipo de comércio hoje é ilegal e se tornou bem restrito em todo o mundo. No entanto, os pequenos felinos ainda são caçados por representarem ameaça às criações domésticas, principalmente de galinhas. E o tráfico de animais silvestres também tem algum peso nas estatísticas.

Perda do habitat, caça e tráfico são ameaças para as várias espécies

No contrapeso da balança, pendendo em favor dos felinos, estão as informações reunidas pelo Projeto Gatos do Mato – Brasil em pouco mais de dois anos de existência. Um dos achados mais interessantes diz respeito à jaguatirica e ganhou o apelido de “efeito *pardalis*”, numa referência ao nome científico do felino. “Os dados de campo indicam

que a jaguatirica influencia a composição da comunidade de felinos de uma área, pois pode preda as outras espécies”, revela Tadeu. A predação entre carnívoros não é comum. Por isso é importante avaliar o significado dessa descoberta para as populações brasileiras de felinos.

Outra notícia significativa veio dos Cerrados do Centro-Sul do Maranhão. Lá foi identificada uma população de gato-palheiro (*L. colocolo*), espécie cuja ocorrência era desconhecida no Estado. Esta área de ocorrência fica a mais de 500 quilômetros de distância da localidade mais próxima antes registrada

Sem vegetação
adequada, ficam
sem refúgio e caça
para sobreviver

como seu hábitat.

Além de fazer o levantamento dos ambientes ocupados pelos pequenos felinos, os pesquisadores da Pró-Carnívoros trabalham em estimativas de densidade populacional (contagem aproximada do número de indivíduos que ocorrem numa área determinada). Junto com outros dados, isso permite ajustar os planos de conservação em relação ao tamanho dos territórios necessários para a manutenção de populações geneticamente viáveis em longo prazo (algo em torno de 5 mil indivíduos, em média). As áreas de vida — onde caçam e reproduzem — tendem a ser grandes para o tamanho dos animais. Podem chegar a 20 mil km², nas áreas de alta densidade de indivíduos, e até 250 mil km² em regiões de baixa densidade.

A existência de uma rede de unidades de conservação, portanto, é crucial para a sobrevivência dos pequenos felinos, assim como a conectividade entre as áreas. O atual grau de isolamento dos remanescentes de vegetação natural e o acelerado processo de degrada-

PROJETO GATOS DO MATO-BRASIL



GATO-MARACAJÁ

(*Leopardus wiedii*)



Pesa em média 34 kg e também é conhecido como gato-peludo ou maracajá-peludo. Caracteriza-se por apresentar olhos bem grandes e protuberantes e cauda muito longa (mais de 70% do comprimento total). Movimenta-se com grande habilidade nas árvores, graças à capacidade de rotação das patas traseiras em 180°.

Consegue até mesmo descer o tronco de uma árvore de

cabeça para baixo, sendo a única espécie conhecida de felino do mundo capaz de tal proeza. Em cativeiro, anda de cabeça para baixo em tetos de telas, nos recintos. Ocorre em todo o Brasil, à exceção da Caatinga, habitando preferencialmente florestas. Alimenta-se de pequenos mamíferos (inclusive roedores arbóreos), aves e, eventualmente, répteis e mamíferos de médio porte. Consta como vulnerável na lista de espécies ameaçadas de extinção. O período de gestação, de um único filhote, dura de 81 a 84 dias. Os hábitos são solitários e noturnos. A área de vida, conhecida para alguns poucos indivíduos, varia de 1 km² a 16 km².

GATO-DO-MATO (*Leopardus tigrinus*)



É a menor espécie de felino encontrada no Brasil, com cerca de 2,5 kg, quase do tamanho de um gato doméstico. As patas são pequenas e a cauda, bem longa (cerca de 60% do comprimento total). O Projeto Gatos do

Mato - Brasil o encontrou também na Amazônia, embora lá seja raro. Sua população é inferior à das onças-pintadas, por exemplo. Por conta disso, mesmo as mega-reservas da Amazônia não conseguiriam manter populações viáveis por muito tempo — sem contar o 'efeito *pardalis*'. Habita florestas, Cerrado, Caatinga e até mesmo proximidades de áreas agrícolas adjacentes a matas. É considerado ameaçado de extinção na categoria vulnerável. A área de vida, conhecida para alguns poucos animais, varia de 4 e 18 km². O período de gestação dura de 73 a 78 dias e o número de filhotes varia de 1 a 4. Apesar de ser predominantemente noturno, cerca de 30% de suas atividades ocorrem de dia. Alimenta-se de pequenos roedores, lagartos e aves e, eventualmente, preda animais um pouco maiores.

ADRIANO GAMBARINI





AFRANCO GAMBREIN

GATO-DO-MATO-GRANDE

(*Leopardus geoffroyi*)

É a espécie de ocorrência mais restrita no Brasil: conhecido apenas do Centro-Sul do Rio Grande do Sul, onde é considerado vulnerável ao risco de extinção. É característico das áreas temperadas da América do Sul. Pesa cerca de 4 kg. Apesar do pequeno porte, no extremo sul do continente há registros de predação de animais grandes, quase do seu tamanho, como lebres européias introduzidas. Normalmente a dieta é composta de pequenos roedores, répteis, aves e até peixes. Tem hábitos

solitários e noturnos. O período de gestação vai de 72 a 76 dias, com um número de filhotes entre 1 e 3. A população da espécie que habita uma das áreas de estudo do Projeto Gatos do Mato – Brasil, na fronteira com o Uruguai, inicialmente era de animais pintados. Depois que diversos foram mortos por caçadores, a maioria passou a ser de indivíduos melânicos, ou seja, negros. O melanismo, por sinal, é bem comum, atingindo 50% da população atualmente. A área de vida vai de 1,8 km² a 124 km².



ção ambiental comprometem a saúde das populações.

O monitoramento já feito mostra que, pelo menos para o gato-do-mato (*L. tigrinus*), o gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*) e o gato-maracajá existe uma grande dependência em relação à cobertura vegetal natural. Sem locais de refúgio, eles não conseguem se manter nem explorar, por exemplo, bordas de lavouras à procura de roedores. “É extremamente importante ressaltar que o termo abundante, para um felino, não significa um número grande. Pode ser um animal a cada 4 a 7 km²”, pondera o coordenador do Projeto Gatos do Mato – Brasil.

O fato de os pequenos felinos contarem com mais atenção, por parte de diversas organizações, coloca o Brasil numa posição de destaque no campo de estudos de conservação das espécies menores e menos conhecidas de gatos. “As espécies de felinos da América do Sul sempre ficaram em desvantagem em estudos de conservação”, conclui Tadeu Gomes de Oliveira. “Nosso trabalho está nos levando a conclusões muito importantes e ajudará a colocar essas espécies no lugar que elas merecem”.

PARA SABER MAIS:

Instituto Pró-Carnívoros
www.proccarnivoros.org.br

Guia de Campo dos Felinos do Brasil (2005),
de Tadeu Gomes de Oliveira e Katia Cassaro



PROJETO GATOS DO MATO BRASIL

JAGUATIRICA

(*Leopardus pardalis*)



É o maior e o mais conhecido dos pequenos felinos. Na verdade, é considerada uma espécie de médio porte. Seu peso médio varia entre 10 e 11 kg. No Norte e no Nordeste do Brasil também é chamada de gato-maracajá-verdadeiro e maracajá-açu. Não há dúvidas de que é o felino mais comum, conseqüentemente, o mais estudado. É encontrado na maioria dos biomas brasileiros – florestas tropicais e subtropicais, Cerrado, Caatinga e Pantanal. A exceção é o pampa gaúcho. As populações fora da Bacia Amazônica são consideradas vulneráveis ao risco de extinção. Sua alimentação é variada, chegando a incluir mamíferos como a cutia e até mesmo o macaco-guariba. O período de gestação dura de 70 a 85 dias e o número de filhotes varia de 1 a 4. Tem hábitos solitários e noturnos e a área de vida varia de 0,76 km² a 38,8 km² por indivíduo.